



Morreu Jean Douchet, o “homem cinema”

Obituário Mário Lopes

Esteve ao lado da Nouvelle Vague, ou melhor, contribuiu para a definir enquanto movimento novo, passe a redundância, reflexo de um presente em mudança que, por isso mesmo, passava por uma recontextualização do passado. Foi crítico e foi nessa função que ganhou o seu estatuto de “Sócrates do cinema” – fora estudante de filosofia –, ou, talvez melhor cognome, de “Homem Cinema” – título do livro saído de uma entrevista conduzida por Joël Magny. Companheiro de caminhada, nos Cahiers du Cinema, de Éric Rohmer ou Barbet Schroeder, era um comunicador empolgante e um pensador arguto, um professor marcante, mas sem tiques professorais (que o digam François Ozon ou Xavier Beauvois), que também deixou obra enquanto realizador. Jean Douchet morreu ontem, aos 90 anos.

Imaginamo-lo a passar os últimos dias em mais uma das viagens a que se entregava em França e mundo fora para falar dos filmes que mais amava e, através deles, da arte de amar a vida. “No seu trabalho, estava a arte de amar o cinema para, acima de tudo, amar a vida”, afirmou o crítico Antoine Guillot, citado no obituário da France Culture. “Para conhecer verdadeiramente Jean Douchet, é preciso ter partilhado uma refeição com ele.” O produtor Paulo Branco, amigo de décadas, diz ao PÚBLICO que a sua morte representa “o desaparecimento de um grande pensador do cinema, um pensador



extremamente apaixonado, com uma grande capacidade de seduzir e, sobretudo, de nos fazer descobrir nos filmes os pequenos segredos que as grandes obras sempre escondem e de que muitas vezes nós não nos apercebemos”.

Portugal foi um dos países que Douchet visitou ao longo dos anos. Em 2012, apresentou na Cinemateca seis filmes de Jean Renoir, integrados num ciclo dedicado ao cinema francês. Em entrevista ao PÚBLICO, diria então sobre o realizador: “Renoir interessa-se pela posição do homem no mundo. A pergunta que se coloca é: será que o homem o merece?” Em 2015, no Lisbon & Sintra Film Festival (LEFFEST), apresentou algumas das curtas-metragens que realizou ao longo da sua carreira (a primeira, *Le Mannequin de Belleville*, data de 1962) e falou de três dos filmes que mais admirava (trouxe *O Padrinho III*, de Francis Ford Coppola, *A Regra do Jogo*, de Jean Renoir, e *Corrupção*, de Fritz Lang). No ano passado, a última visita, novamente para falar de Jean Renoir no ciclo dedicado aos mestres do cinema francês exibido no Nimas, em Lisboa.

Em 2017 três jovens admiradores, Fabien Hagge, Guillaume Namur e Vincent Haasser, dedicaram-lhe um documentário. Intitulado *Jean Douchet, L'enfant Agité*, o filme nasce de um encontro, certa noite, entre o crítico e os realizadores. No texto de apresentação do filme no site do LEFFEST, que o exibiu nesse ano, lemos que, “enquanto o trio desenvolveu uma relação intensa e privilegiada com Jean Douchet, este não desvendou os seus mistérios”. Felizmente, a biografia, o pensamento e o exemplo que nos deixa é, de si, vasto o suficiente. Nascido a 19 de Janeiro de 1929, em Arras, foi primeiro um licenciado em Filosofia. Marcante seria aquilo que foi depois, a partir de meados da década de 1950, quando inicia a sua colaboração com a Gazette du Cinéma e, decisivamente, com os Cahiers Du Cinéma, nos quais começa a escrever em 1957 e onde se torna amigo e companheiro de percurso dos nomes que fizeram a Nouvelle Vague (Rohmer, Godard, Chabrol, Truffaut).